

A NATURALIZAÇÃO DA MORAL UMA TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS
VALORES

THE NATURALIZATION OF A MORAL VALUES REVALUATION OF ALL

Marco Aurélio da Silva*

Aristéia Mariane Kayser**

RESUMO

Em várias de suas obras, Nietzsche identifica o homem doente com o homem moral, que é, fundamentalmente, o homem religioso. O que leva a crer que a crise a decadência do homem é o resultado final da doença que atormenta e angustia o homem. Neste sentido buscaremos apontar o fundamento do ressentimento humano que é seguido por uma necessidade constante de transmutar os valores naturais. Deparamo-nos então, com a transmutação de valores que Nietzsche expresso sendo um homem decadente, pessimista, que, na perspectiva de sentido, perde seu centro de gravidade, pois os valores “*naturais*” passam a ser questionados pelo metafísico, pela história, pela filosofia e pela religião. A relação estabelecida entre Deus e o homem é a perda da natureza humana, pois este fica sujeito a valores éticos, religiosos, metafísicos e filosóficos, remetendo o homem a uma graduação hierárquica que, segundo o pensamento do autor, o resultado seria um homem cheio de ressentimento, fraco, medíocre, ignorante, sentimentalista, cheio de compaixão para com o outro, que busca praticar a “caridade egocêntrica”, entendida como o homem que estabelece relações fúteis, banais, recheado de desejos de destruição do seu eu - auto-aniquilamento.

Palavras chave: Transvaloração. Ressentimento. Vontade de poder

ABSTRACT

In several of his works, Nietzsche identifies the sick man with the moral man, that is, fundamentally, the religious man. What leads you to believe that the crisis decay of man is the end result of the disease and anguish that torments the man. In this regard we point out the foundation of human resentment that is followed by a constant need to transmute the natural values. We are faced then with the transmutation of values that Nietzsche expressed a man being decadent, pessimistic,

* Mestrando em Ciências Sociais - UFSM, Mestrando em Educação – UNISC, Especialização em Gestão Educacional – UFSM, Especialização em Educação Ambiental –UFSM, Especialização em Mídias na Educação – UFPEL. Santa Maria-RS/BRASIL, E-mail: marcoaurelio22000@yahoo.com.br; Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665383866556823>

** Especialização em Gestão da Organização em Saúde Pública – UFSM, Especialização em Educação Ambiental – UFSM. Santa Maria-RS/BRASIL, E-mail; amarianekayser@yahoo.com.br; Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7654244279351973>

that in view of meaning, loses its center of gravity, because the values "natural" are being questioned by the metaphysical, by history, philosophy and religion. The relationship established between God and man is the loss of human nature, because it is subject to ethical, religious, philosophical and metaphysical, referring to a man who hierarchical graduation, according to the author's thought, the result would be a man full of resentment, weak, poor, ignorant, sentimental, full of compassion for the other, seeking to practice "charity egocentric", understood as the man who establishes relations frivolous, trivial, full of desires destruction of your self - self-annihilation.

Keywords: Transvaluation. Resentment. Desire for power

INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) viveu os primeiros anos de sua vida em um lar de pastores luteranos. Durante este período tomou contato com a obra de Schopenhauer, decidiu-se pelo ateísmo e completou sua separação do cristianismo. Sua vasta obra apresenta caráter fragmentário, aforístico e totalmente assistemático.

À primeira etapa correspondem seus trabalhos estético-filosóficos: *Origem da tragédia* (1871), *Considerações Extemporâneas* (1873-76). À segunda, obras como: *Humano Demasiado Humano* (1878), *Aurora* (1871), *A Gaia Ciência* (1882). Este é o chamado período científico, no qual se aproxima do positivismo e dos iluministas franceses do século XVIII. Na terceira etapa parece encontrar seu caminho pessoal próprio. Escreveu obras como *Assim Falava Zaratustra* (1883-85), *Além do Bem e do Mal prelúdio a uma filosofia do futuro* (1886), *Genealogia da Moral* (1887). Nesta terceira etapa, passa para o primeiro plano considerado como temas importantes, relevantes para a sua filosofia; como o da morte de Deus, o niilismo, o nascimento do super-homem, a vontade de potência e o eterno retorno.

Em várias de suas obras, Nietzsche identifica o homem doente com o homem moral, que é, fundamentalmente, o homem religioso. Portanto a crise a decadência do homem é o resultado final da doença que atormenta e angustia o homem. Neste sentido buscaremos apontar o fundamento do ressentimento humano que é seguido por uma necessidade constante de transmutar os valores naturais. A decadência e a crise humana são consideradas como uma doença moderna que

não seria uma doença do intelecto, mas, antes de tudo, um caso de moral, o resultado de uma moral pervertida. Analisar a perversão moral significa, para Nietzsche, procurar sua origem tanto no indivíduo, quanto na história, ou seja, o homem sob o modo pervertido do não – homem imaginário, isto é, Deus.

Segundo o autor, a existência do homem resume-se em viver num espaço e tempo de acordo com o que ele estabelece e projeta, sendo, assim, passivo de erros. Para Nietzsche, o homem pode assumir atitudes variáveis, porém nada lhe tira o direito de adquirir maneiras naturais e próprias através de uma genialidade para obter sua felicidade.

Nietzsche projeta a obra “Além do Bem e do Mal” de forma irônica e poética. Nela o autor combate duramente a vertente religiosa “cristã” e a vertente filosófica. Segundo o autor, a religião é a precursora de toda inversão de valores, fazendo do homem um ser passivo, fraco, cheio de ressentimento e incapaz de construir, ou seja, que não teria uma vontade própria ou seja vontade de poder.

Esta vontade de poder só é dada aos homens fortes, criativos, que sabem como usar sua natureza e como direcionar sua genialidade. Deparamo-nos então, com a transmutação de valores que Nietzsche expressa em vários dos seus escritos: um homem decadente, pessimista, que, na perspectiva de sentido, perde seu centro de gravidade, pois os valores “*naturais*” passam a ser questionados pelo metafísico, pela história, pela filosofia e pela religião. Porém, depois de ter contato com estas esferas o homem começa a agir de forma antinatural, ficando inserido em um mundo criado e organizado por “*Deus*”, pelo comportamento da sociedade e pela organização do estado. Este homem que está sujeito a estas vertentes é, para Nietzsche, o homem fraco decadente e sem identidade.

Assim a construção da identidade “aqui se entende personalidade humana” a qual é gerada por um método natural, por meio do qual o homem não terá necessidade de usar máscaras para o seu agir natural e isto só será possível através do niilismo, que é uma forma de dar sentido à humanidade e à sua existência. Niilismo é derivado do latim *nihil* e significa negação de algo. O niilismo seria a superação de todos os valores decadentes que o homem atual possui. Valores esses adquiridos através do contato com o outro, seja pela religião e pela metafísica, seja pela sociedade e o Estado. Para Nietzsche, o niilismo é histórico, ou

seja, um fenômeno que se pode experimentar; um de seus aspectos é a morte de Deus.

A pretensão deste trabalho é realizar um estudo, segundo o qual, o homem está em decadência e crise sendo esta problemática oriunda do cristianismo que é o ponto de partida para fundamentar ou teorizar a transmutação dos valores. A partir do momento que se opta por fazer juízos de valor antinaturais, abre-se espaço para a aceitação de uma moral de rebanho que é a sustentação do cristianismo e que se utiliza do medo, através do “pecado”, para julgar o homem, fazendo ou oportunizando o ressentimento contra a vida e assim, falseando-a. Portanto no decorrer do trabalho buscarei mostrar que a transmutação dos valores é o segundo aspecto na declinação, na decadência do homem, esta transmutação é fundamentada pelo o cristianismo através do ressentimento.

Nietzsche afirmava que o homem perdeu sua identidade tornando-se objeto no mundo, é um homem enfermo, estraçalhado, dividido, pois, além de perder sua identidade, muitas coisas já não o satisfazem. Busca-se, portanto, no decorrer deste trabalho, mostrar algumas origens desta crise e decadência do homem moderno, mas também algumas saídas, segundo o próprio autor, através do ressentimento e vontade de poder, da transmutação dos valores e, por fim, da superação do homem através do niilismo.

1 CRISE E DECADÊNCIA DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

O homem atual é gerador de vida, proporciona vida? O homem atual é conservador de sua espécie? O homem busca mascarar o mundo, falseando-o, fantasiando-o com inverdades ou com verdades? O homem está jogado no mundo ou está inserido no mundo?

Em uma análise rápida às perguntas acima, parecem questões sem muita importância e irrelevantes, porém, a partir da obra de Nietzsche, esta pesquisa busca mostrar que as mesmas estão intimamente ligadas com a crise e a decadência do homem atual. A partir das perguntas é possível analisar se a crise atual do homem contemporâneo seria precursora da inversão e a transmutação dos valores, tendo como referência e causa as nossas vaidades, as quais seriam as

origens das nossas morais. Para Nietzsche (1992, p.78), “nossa vaidade desejaria que justamente o que fazemos melhor fosse visto como o mais difícil para nós”.

O que se pretende enfatizar nesta seção é o resultado do estudo sobre a transformação do homem no seu caráter social, nos impulsos religiosos, sociais, empresariais, culturais, os quais são características básicas que fundamentam a perda da identidade do homem, da sua genialidade e de suas virtudes naturais. Através deste caráter social, homens e mulheres são motivados na realização de seus ideais como novo objeto de devoção na transformação do coração humano. Tudo isso para Nietzsche não passa de idéias infundadas.

O homem desde que surgiu vem procurando evoluir-se¹. Passando do seu estado pré-histórico, foi adquirindo certa cultura e, vivendo em comunidades, iniciou o plantio e começou a produzir alimentos e utensílios para sua subsistência. Através desta evolução, foi obrigado a conviver com os outros de sua espécie, pois a necessidade de viver em comunidade tornou-se de extrema importância para sua sobrevivência. Essa evolução denomina-se *evolução social*.

Simultaneamente à evolução social aconteceu uma *evolução cultural*, marcada pelas mudanças de hábitos adquiridos pela sociedade. Assim, o homem da pré-história deixou primeiramente a caça e começou a plantar e criar seu próprio gado, bem como, mecanismos de alimentação e de sobrevivência. Outro aspecto social, mas que, por sua vez não deixa de ser cultural e emocional, é o fato das pessoas conviverem em famílias, relacionando-se entre si e formando grupos de convívio com regras e leis.

Em certo momento da história, o homem começou a questionar a sua existência e criou a necessidade de se auto - conhecer e conhecer a sua história. Assim, passou a desenvolver conhecimentos, vindo a organizá-los mais tarde com o surgimento da filosofia. As comunidades foram crescendo e, com o seu crescimento, os problemas até então pequenos, aumentaram. Surgiram, então, órgãos controladores e educadores como, por exemplo, o estado e a escola, cuja

¹ Segundo Nietzsche, a crise e a decadência do homem são seguidas de alguns erros. Por exemplo: erro da confusão da causa e efeito, erro da causalidade falsa, erro das causas imaginárias. Para explicação psicológica deste fato, todo o domínio da moral e da religião deve ser ligado a essa idéia das causas imaginárias, erro do livre arbítrio (NIETZSCH, 2006). Portanto a partir do fato que aceitamos a nossa característica natural e aceitamos alguns erros que podem ocorrer na nossa história estaremos estabelecendo um processo de evolução. Porém quando não aceitamos nossas características naturais, estaremos transmutando os valores até então naturais passando, neste instante, aos valores antinaturais.

função era criar convenções para as coisas. Com o crescimento da sociedade e o surgimento do comércio, iniciou-se a construção de indústrias, usinas, enfim, de tudo o que podia ser fabricado e vendido, acontecendo então a Revolução Industrial.

Desde a 1^o Revolução Industrial o homem está passando por uma evolução descontrolada, pois o que hoje é a maior das novidades, daqui a quatro meses já estará ultrapassado. O homem já foi à lua, construiu computadores e chegou a enviar uma nave a Marte. Tudo isso no período de, no máximo, cinquenta anos. Conforme Nietzsche fica demonstrado que o homem está sem horizonte e sem ideal. Pois o mesmo está inserido em um mundo, onde o valor, o significado, de um ideal, de um horizonte, a busca já não tem importância. É o chamado caos onde já não existe horizonte. E quase tudo se torna perigoso para o viver humano. E um destes fenômenos é a tecnologia social quando analisada ou utilizada superficialmente. Pode-se verificar isso quando ele diz que “quem não sabe encontrar o caminho para *seu* ideal, vive de modo mais frívolo e insolente que o homem sem ideal” (NIETZSCHE, 1992, p. 77).

Outras mudanças também estão acontecendo, tais como, as desigualdades sociais. Poucas pessoas têm acesso a estas evoluções, enquanto outras não têm acesso sequer ao básico de higiene e alimentação². Algumas pessoas que se dizem “evoluídas”, vivem em verdadeiros castelos enquanto outras que não têm acesso à mesma evolução, vivem em seus castelos construídos de “lona plástica”. A tão falada evolução social, cultural e econômica, acarretou um retorno ao “caos”.

Algumas pessoas questionam se isso que está acontecendo é fruto desta evolução, outras, acreditam que o problema é das pessoas, uma vez que são livres para fazer o que bem entendem da vida. Nietzsche afirma que o homem sofre influência do desenvolvimento social e, sem horizonte, entra em uma espécie de angústia e agonia. É um homem que se sente Deus, percebendo a sua desonestidade consigo mesmo. Segundo o autor, hoje um homem do conhecimento pode facilmente sentir-se Deus tornando-se animal. Envergonhar-se, da própria

² Ninguém pode construir para ti as pontes pelas quais deves atravessar o rio da vida, ninguém a não ser tu sozinho [...] Há um caminho único que ninguém pode percorrer a não ser tu sozinho. O indivíduo se separa dos outros na medida em que deles se distingue. A separação adquire significado social: o do excepcional e do gênio (PENZO et al, 1981, p. 37).

imoralidade: é um degrau da escada ao fim da qual nos envergonhamos da nossa moralidade (NIETZSCHE, 1992, p. 72).

Os seres humanos, atualmente, não sabem mais o sentido da própria existência, do que é ser humano e do que é dignidade. Será que estes sentimentos existem realmente ou seria simplesmente ilusão? Se existem, onde é que se escondem? Para que servem? Se estiverem em nós será que poderemos fugir deles? Neste sentido, podemos dizer que a dignidade existe?

Dentro da proposta de estudo optou-se por fazer uma análise da teoria nietzschiana tendo como ponto de referência principal a obra “Além do Bem e do Mal”, de Nietzsche, desta forma considerando as diversas maneiras de compreender o homem. Procurou-se, fazer uma análise antropológica do seu pensamento, pois acreditamos haver limites na existência humana que devem ser pautados a partir de uma reflexão antropológica nietzschiana. Em síntese, foi obtida a seguinte compreensão: o homem é o sujeito central da história, ou seja, é o protagonista // principal da história, a qual depende exclusivamente deste sujeito “homem”. Portanto, não é o homem que depende da história.

Ser juiz, dentro do parâmetro reflexivo, que os estudiosos elaboram em suas pesquisas, significa tentar explicar quem é o homem e cultivar a essência de uma época. A existência do homem resume-se em viver num tempo e espaço, de acordo com o que ele estabelece e projeta, sendo assim passivo de erros. Segundo Nietzsche,

[...] o que alguém é começa a se revelar quando o seu talento declina – quando ele cessa de mostrar o quanto *pode*. O talento é também um ornamento; um ornamento é também um esconderijo (NIETZSCHE, 1992, p.77).

As idéias que acompanham o homem giram em torno da dignidade e da inteligência, de acordo com o racional, excluindo o instinto e as emoções. O homem aproveita o conceito feito por estudiosos, principalmente religiosos, de forma metafísica e filosófica e começa a brincar com a sua natureza depositando tudo aquilo que ele considera como valor e virtude nas mãos: “Deus”, que é considerado um bem maior para o homem. Esse “Deus” é entendido como um ser que fundamenta e forma valores morais e éticos.

A relação estabelecida entre Deus e o homem é a perda da natureza humana, pois este fica sujeito a valores éticos, religiosos, metafísicos e filosóficos, remetendo o homem a uma graduação hierárquica que, segundo o pensamento do autor, o resultado seria um homem cheio de ressentimento, fraco, medíocre, ignorante, sentimentalista, cheio de compaixão para com o outro, que busca praticar a “caridade egocêntrica”, entendida como o homem que estabelece relações fúteis, banais, recheado de desejos de destruição do seu eu - auto-aniquilamento. Conforme esclarece Marton (2001),

Incapaz de suportar a própria finitude, o homem concebeu a metafísica; incapaz de tolerar a visão de sofrimento imposta pela morte, construiu o Cristianismo. Na tentativa de negar este mundo em que nos achamos, a metafísica procurou forjar a existência de outro; durante séculos, fez dele a sede e a origem dos valores. Perniciosa, ela postulou um mundo verdadeiro, essencial, imutável, eterno. Desprezando o que ocorre aqui e agora, a religião cristã arquitetou a vida depois da morte para redimir a existência; assim, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Nefasta, ela levou os homens a desejar ser de outro modo, querer estar em outra parte. Para tentar justificar a existência, foi desses meios que o homem se valeu: inventou o pensar metafísico e fabulou a religião cristã. Mas o preço que teve que pagar foi a negação do mundo, a condenação da vida. Ao camuflar a dor, hostilizou a vida; ao escamotear o sofrimento, tratou o mundo como um erro a refutar (MARTON, 2001, p. 82).

Este mesmo homem também é protagonista da decadência do outro homem, que é enganado como um ser, que é fraco e responsável pela crise e decadência que o mundo se encontra.

O homem sofre todas estas alterações pelo fato de ser pessoa com situação lógica racional diante dos diversos tipos de saberes e *espiritualidade “cristã”*. E também por ser um composto humano, ou seja, um grande fenômeno natural, o qual *foi corrompido e agredido na sua natureza* e passou a se sentir culpado pela crise e pela perda de identidade que o mundo, a sociedade e o próprio homem se encontram.

Nietzsche reconhece que o homem que vive inserido na sociedade é construído com base em alguns valores, mas seu questionamento é mais profundo, pois, para o autor, tanto o homem que é caracterizado como fraco, quanto o homem forte, sofrem todas estas alterações. Só o homem forte é capaz de se libertar dessas

coisas passageiras e construir novos valores através de seu instinto e genialidade, sobressaindo-se de todas as expectativas mundanas que caracterizam o fraco como medíocre. Este homem forte é chamado por Nietzsche de super-homem.

Apesar de haver, entre o homem e as ciências, um código e/ou um elenco de verdades que mostra caminhos para que ele se posicione bem dentro das limitações que lhe são cabíveis, a existência do homem é marcada por muitas dimensões que o delimitam a características que estrangularam a vida como o tempo, a história, a religião, a ética, a moral, marcando limites intransponíveis na história.

Ninguém quer fazer mal a si mesmo, por isso tudo ruim acontece involuntariamente. Pois o homem ruim é ruim apenas por erro; se alguém o livra do erro, torna-o necessariamente - bom. Esta maneira de raciocinar cheira a *plebe*, que no mau agir enxerga apenas as conseqüências penosas, e verdadeiramente julga que “é *estúpido* agir mal”; enquanto admite sem problemas a identidade de “bom” com “útil e agradável”. Em todo utilitarismo da moral pode-se de antemão supor uma origem igual e confiar no próprio faro: dificilmente se errará (NIETZSCHE, 1992, p. 90).

Nietzsche diz que o homem é o ser que não se completa. Ele constrói sua natureza no sentido de uma busca constante, para chegar ao seu objetivo, mas quando alcançado, já não tem importância e passa a procurar outros objetivos, outras metas, outros sonhos, ou seja, é uma busca constante por algo que nem ele mesmo sabe. O homem é um ser com “virtude” natural e potencialidade num sentido de disponibilidade.

Enquanto a utilidade que vigora nos juízos de valor morais for apenas a utilidade do rebanho, enquanto o olhar estiver dirigido apenas à preservação da comunidade, e for tido como imoral precisamente e exclusivamente o que parece perigoso para a subsistência da comunidade: enquanto assim for não pode haver “moral do amor ao próximo”. Supondo que então já exista um pequeno, constante exercício de consideração, equidade, compaixão, brandura, reciprocidade no auxílio, supondo que também nesse estado da sociedade já atuem todos aqueles impulsos que depois serão honrosamente apelidados de “virtudes”, e que afinal quase coincidirão com o conceito de “moralidade”: nesse tempo essas coisas não pertencem ainda, absolutamente, ao reino das valorações morais – elas ainda são *extramoris* (NIETZSCHE, 1992, p. 99).

Para manter-se na história o homem tem que ter consciência de que seus esforços são muito pessoais, pois sempre há a necessidade de trapaças e de se sair bem perante os outros³. Isto resume sua vida como resultado obtido nas suas manifestações e estruturas de comportamentos totalmente egocêntricos.

Segundo Nietzsche, qualquer homem pode assumir atitudes de humildade ou soberba, de admissão ou negação, de limitação, ser contingente e precário, mas nada lhe tira o direito de adquirir maneiras próprias para o seu agir natural. Nietzsche rompe, no sentido mais profundo do termo, com a idéia, segundo a qual, o que mais comove o homem é o fato de depender do outro, pois ele não sobrevive sozinho, isolado. Para Nietzsche esta é a típica demonstração de um homem que não tem sentido para viver; é típico do homem fraco, passivo e sujeito à submissão.

Sendo assim, toda conduta antinatural não passa de uma cadeia que prende o homem, que o coloca em crise ou, mais especificamente, é um aniquilamento total do homem. Neste momento estão contidos todos os saberes futuros e possíveis. Esta intuição é, a princípio, inconsciente. Isto ocorre devido ao fato de que o primeiro contato com a realidade se remonta a um período muito longínquo de nossa infância, muito antes do uso da razão e até do uso da linguagem. E também, porque no uso e no exercício de nossa consciência corporal é que se realiza a experiência total. Desta forma, conseguimos esclarecer melhor o que é ou como se dá o instinto humano.

Captamos a complexidade do encontro com a realidade através das intuições, da intuição sensível que abrange o todo material, porém, é totalmente cega e da intuição espiritual/intelectual, que capta o todo, porém, através do singular como individual. As duas intuições se unem até o momento em que se impõe a luz triunfante que faz tudo se tornar claro e compreensível: a luz da metafísica, o choque do real percebido como tal. Tudo isso é o pensamento humano e só o homem dispõe dele, porém, de nenhum homem se diz que pensa desde o princípio. Porque pensar exige outros processos, outros desenvolvimentos.

³ O homem é um “comediante do mundo”: Se algum Deus criou o mundo, então ele criou o homem para ser o *macaco de Deus*, a fim de proporcionar ocasião de alegrar-se em suas *eternidades* muito compridas (...) (PENZO et al, 1981, p, 47).

Segundo o pensamento de Nietzsche, o que é saudável para o ser humano são os instintos. Portanto o encontro da inteligência com seu objeto, o ser e o real, estabelecendo um mundo de deveres é uma experiência vivida em uma luz deslumbradora, que, às vezes, pode cegá-lo inicialmente, porém é o princípio de toda lucidez. Quando se faz consciente, este instinto é o esplendor da inteligência metafísica. O homem religioso despreza sua conduta instintiva (natural). Segundo o autor, somente o homem forte não se tornará passivo, submisso e terá forças para agir naturalmente e com genialidade.

Nietzsche aponta ainda, que o homem teria a tendência de configurar, com os valores sociais científicos, religiosos e éticos, os valores da estética. O autor já profetizava no século XIX a inversão dos valores. O homem atribui valores às coisas para suportar de forma passiva e dominar a vida de forma criativa. Segundo Nietzsche, se os valores forem projetados pelos sistemas vigentes na sociedade, esses se tornam dissociados da vida, sendo uma agressão, uma usurpação à própria vida. Esta decadência tem como primeiro fator o autor “Deus”. Este Deus é a máscara de um mundo conturbado, desorientado e em total decadência. Mas, para que o homem possa se livrar ou sentir-se livre será necessário que o mesmo se afaste de toda tradição moral, ética e religiosa.

O homem está inserido em um enorme caos e, para que possa superar toda sua angústia, sua miséria e sua decadência, deverá proclamar a “morte de Deus”. Assim, quanto à afirmação do autor sobre a “morte de Deus”, devemos entendê-la a partir de uma análise e interpretação sobre a situação do homem no presente, pois perante as morais tradicionais, tornou-se condenado a ser medíocre, fraco, desonesto, mesquinho e egocêntrico. Neste sentido, quase tudo se torna decadência e destruição da espécie humana.

Para o autor todos estes aspectos seriam demonstrações de que o homem perdeu seu sentido de viver e se tornou enfraquecido. Nietzsche propõe a este homem agir segundo seu próprio sentido, seus instintos e sua genialidade. Pois o homem não teria uma necessidade de usar máscaras ou de fazer uma inversão de valores. Isto seria a indicação de Nietzsche.

O homem que nós conhecemos hoje é um homem que tem a necessidade de alcançar seu objetivo e quando alcançado este já não teria significado, sentido, e o mesmo começaria a orientar sua vontade em outra busca,

sendo uma eterna busca. O autor prescreve ainda o remédio contra a crise e a decadência deste homem que foi atingido pelo progresso das ciências e da tecnologia e tantas outras ciências, este homem que caiu em uma espécie de ilusão, baseado em pressupostos históricos, econômicos, psicológicos que são as origens de sua decadência. Não tenho a pretensão de enfatizar que a ciência e a tecnologia são os únicos males para a humanidade. Mas seriam algumas das principais que escravizam o homem e o colocam em decadência num processo angustiante.

A crise e a decadência do homem contemporâneo só existem pelo fato de o homem fazer uma transmutação ou uma transvalorização de valores e ser um homem de ressentimento. Nietzsche propõe ao homem fraco uma vontade de poder, para transpor os limites que são impostos pela crise e a decadência que ele se encontra, ou seja, é uma vontade orientada para a geração, para a criação e para uma genialidade que seria alcançada através do niilismo. Para o autor, quem tem a capacidade de chegar a esse niilismo é considerado um super-homem.

2 A TRANSMUTAÇÃO // TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

O ponto de partida desta reflexão é a afirmação de que a estrutura do caráter do indivíduo mediano e a estrutura sócio-econômica da sociedade a que ele pertence são interdependentes. Designa-se caráter social o produto da mistura da esfera psíquica e da estrutura socioeconômica, pois esta modela o caráter social de seus membros de modo que eles desejem fazer o que têm de ser feito sem questionar, sem a possibilidade de criar valores ou ainda, sem a possibilidade de agir instintivamente. Ao mesmo tempo, o caráter social influi na estrutura socioeconômica da sociedade atuando para dar maior estabilidade à estrutura social ou, em circunstâncias especiais, tendente a explodir a estrutura social. Para Nietzsche, o homem vive muito melhor sem esta estrutura socioeconômica, pois esta seria para homens medíocres e decadentes.

Nietzsche expressa, em vários dos seus escritos, que o homem atual está decadente, é pessimista, que perde a sua natureza e, na perspectiva de sentido, seu centro de gravidade é deslocado. Até então o homem conserva a sua

existência, mas os valores “*naturais*” passam a ser questionados pelo metafísico, pela história, pela filosofia e pela religião. Porém, depois de ter contato com estas esferas o homem começa a agir de forma antinatural, ficando inserido em um mundo criado e organizado por “*Deus*”, pelo comportamento da sociedade e pela organização do estado.

Ao verificar o que são os valores naturais para o homem, Nietzsche afirma que, se privarmos o homem dos valores morais, da perda de sentido da existência humana em um aspecto religioso, enfim, ao privar o homem das medidas divinas, estaríamos decretando a morte de Deus. Neste ponto o homem começaria a ter uma visão livre do próprio homem e a destruição de todos os valores morais, pois o que possibilita a criação dos novos valores é a busca natural do homem. Porém, existem homens não preparados para assumir as conseqüências deste mundo medíocre, fantasioso e estes mesmos homens se tornariam homens de rebanho, escravos, fracos, domesticados e doentes.

Na obra “Assim falou Zaratustra”, encontramos diversas passagens que deixam claro esta posição. Segundo Nietzsche, o “homem é digno de desprezo”. Zaratustra é limitado, insatisfeito, cheio de ilusões, fantasias, mas, o vazio de sentido não consegue criar naturalmente valor para a sua vida, pois é um ser ressentido, redimido na tentativa de justificar todo passado.

Segundo Nietzsche, há uma força oculta no homem que poderá transformá-lo em “sobre humano” ou super-homem. Este super-homem, para Nietzsche, teria sua moral e seus valores fundados na capacidade de criação e de inversão. O super-homem de Nietzsche é chamado “*Übermensch*” expressão alemã cujo significado é “sobre humano, aquele que transpõe limites”.

Muitos dos valores apresentados pela sociedade, pela religião e pela filosofia não correspondem à necessidade do homem, entendido aqui como o homem forte, aquele que tem o poder de criação. Neste sentido, a transmutação seria o ato ou o efeito de transformação em nova espécie por meio da mutação. Para Nietzsche, “o instinto” é apenas a mais inteligente das espécies de inteligência até agora descobertas (NIETZSCHE, 1992, p. 125). Assim, algumas relações humanas visam o interesse próprio para suprir as necessidades de cada um, seja no aspecto moral e ético, seja no aspecto sentimental e religioso ou ainda no que compete à metafísica e à filosofia.

Neste sentido, o sentimento que envolve a aproximação dos homens fica limitado à necessidade de troca e teria a possibilidade de se estender em todas as ações humanas até mesmo nas ações consideradas pela sociedade como caridosas ou que não visam nada em troca, como por exemplo, uma pessoa que doa um alimento a um pobre. Muitas destas caridades podem vir a ser uma ação individualista, pois a pessoa caridosa, ao fazer a ação de doar o alimento, é impulsionada, *a priori*, por um individualismo, não tem preocupação de ver o outro bem, alegre, é simplesmente um ato para aliviar sua consciência. Isto faz do homem um ser deplorável, fraco que se submete à doutrina religiosa. Seria, portanto, um agir antinatural, pois, ao executar a ação, está fazendo um desejo próprio, tornando-o um movimento individualista.

Mais um exemplo seria o de uma moça com 20 anos que tem a necessidade de constituir matrimônio, mas visando uma necessidade fisiológica e emocional (sentimental), seria uma realização pessoal de se tornar mulher que é feita para procriar, pois a mesma teria a necessidade de satisfazer os seus prazeres físicos, sexuais e sentimentais. Para tanto, ela irá buscar no seu parceiro um complemento às suas necessidades através de uma gravidez e assim, sentir-se-ia realizada pelo fato de ter se tornado mãe e mulher madura.

Para Nietzsche o que está em voga é esta relação que se dá de forma antinatural, na qual a mulher não agirá segundo seus instintos e não teria uma capacidade de criar um mecanismo de valores sem a necessidade de sujeitar-se a esses critérios que estão inseridos na sociedade *aqui é entendido moral social, onde o sujeito homem está inserido e aprisionado*.

Apesar de existir um dualismo na conduta humana no sentido do “amor e ódio”, “moral e ética” e “bom ou ruim”, para Nietzsche o ato humano da necessidade faz com que o “bem querer” seja o responsável em estabelecer ligações em um rol de amizade de uma forma benéfica e conturbada. Essa é uma relação construída de forma antinatural. Segundo Nietzsche, todo este problema é de responsabilidade humana, pois o homem responsável pela sua própria moral e seu futuro, deve depender exclusivamente de suas virtudes naturais para sua sobrevivência. Segundo ele, o homem não aceita seu modo de ser e foge de suas características impostas pela natureza, fazendo-o construir leis e conceitos

fantasiosos como regras de vida inspiradas por valores “maravilhosos”, num clima transcendental de fantasias e sonhos tornando-o homem de rebanho, domesticado.

Como poderia algo nascer do seu oposto? Por exemplo, a verdade do erro? Ou a vontade de verdade da vontade de engano? Ou a ação desinteressada do egoísmo? Ou a pura e radiante contemplação do sábio da concupiscência? Semelhante gênese é impossível; quem com ela sonha é um tolo, ou algo pior; as coisas de valor mais elevado devem ter uma origem que seja outra, *própria* - não podem derivar dessas fugaz, enganador, sedutor, mesquinho mundo, desse turbilhão de insânia e cobiça! Devem vir do seio do ser, do intransitório, do deus oculto, da ‘coisa em si’. [...] Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos; tal espécie de valores está por trás de todos os seus procedimentos lógicos; é a partir desta sua “crença” que eles procuram alcançar seu “saber”, alcançar algo que no fim é batizado solenemente de “verdade”. A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições de valores* (NIETZSCHE, 1992, p. 10).

Ao que parece, Nietzsche expressa o homem falso, fraco, domesticado que tenta fugir de suas próprias virtudes naturais, pois não conhece a si próprio e a negação da possibilidade do bem querer, do ter, do poder e do criar instintivamente. Para o autor, dentro dos padrões em que a nossa sociedade vive, o que caracteriza o homem domesticado é a possibilidade de reverter à transmutação desses valores em valores naturais. Isso seria quase inexistente, pois todo o homem é naturalmente individualista. Mas para se tornar homem forte de virtudes e que cria valores naturais instintivamente, deverá passar por um processo de destruição de todos os valores tradicionais vigentes na sociedade, desmistificando-os para que “ele” venha a se tornar um “*Übermensch*”.

Deparamo-nos, com valores apresentados pelo mundo contemporâneo estes que são divergentes daqueles apresentados por Nietzsche, o qual sugere, um valor natural pois o homem tem que se conhecer e aceitar as suas próprias virtudes. Desse modo, poderá conhecer também o seu próximo sem que este utilize de falsidades. A partir disso, o homem poderá se relacionar com o seu próximo sem necessidade de pré-julgamento, pois agirá conforme seus instintos e sua criação de valores.

Portanto, o parâmetro para a reflexão de Nietzsche é uma conduta de dominação que se daria através de valores antinaturais que visam estabelecer

valores universais, os quais buscam justificar um mecanismo compensatório dos fracos e isto está intensamente ligado com a conduta humana e com a disciplina, ou seja, é um instrumento de sujeição cultural (NIETZSCHE, 1992, p. 87-89).

Tomemos como exemplo os dez mandamentos da Bíblia: 1) Amarás o Senhor teu Deus de todo coração e de toda tua alma e de todo o teu entendimento; 2) Não pronunciarás o Santo nome do Senhor teu Deus em vão; 3) Guardarás domingos e festas; 4) Honrarás pai e mãe; 5) Não matarás; 6) Não cometerás adultério; 7) Não roubarás; 8) Não apresentarás falso testemunho contra teu próximo; 9) Não cobiçarás a mulher do próximo; 10) Não cobiçarás coisa alguma que pertença a teu próximo. Se os analisarmos, veremos que a humanidade busca estabelecer juízos de valores morais em nome de um amor ao próximo. Portanto o “temor é o pai da moral”

Nietzsche sinaliza os valores democráticos como também os valores religiosos da sociedade como sendo valores que fundamentam o espírito vingativo, de desejo, de austeridade e que diminui e desequilibra o homem fazendo dele um ser medíocre. Este perde o sentido dos valores fazendo uma inversão das normas e se tornando uma transvalorização dos valores. A compreensão apresentada pelo autor de que todos os valores e a reversão dos mesmos, como transmutação e transvalorização, deverão ser entendidos como critérios antinaturais para se entender o homem e o processo de transmutação dos valores.

A solução que Nietzsche (1992), aponta para o homem ser conduzido a uma moral superior é transmutação dos valores, revertendo esta moral falsa e fraca. O que está em voga não é o certo para uma maioria, pois “não é aí que estaria à justiça”: Isto seria a meu ver a tese nietzschiana. Conforme diz Nietzsche, 1992,

É preciso forçar as morais a inclinar-se antes de tudo frente à *hierarquia*, é preciso lhes lançar na cara sua presunção, até que conjuntamente se dê em conta de que é *imoral* dizer: “o que é certo para um é certo para outro” [...] (p. 127). [...] que o que é justo para um não *pode* absolutamente ser justo para outro, que a exigência de *uma* moral para todos é nociva precisamente para os homens elevados, em suma, que existe uma *hierarquia* entre homem e homem, e, em consequência, entre moral e moral [...] (NIETZSCHE, 1992, pp.127 e 134).

O mundo dos valores que é possível perceber seria uma obra do intelecto e dos sentidos. Admitir que o não verdadeiro fosse à condição da vida errônea é opor-se ao sentimento natural que temos habitualmente dos valores. Para Nietzsche existe um erro na formação e interpretação lingüísticas, ou seja, existe um abismo entre a sensação e a linguagem e, a partir disso, o homem se vê em meio a uma confusão de valores: o que parecia ser correto, agora parece ser errado.

Julgar e condenar moralmente é a forma favorita de os espiritualmente limitados se vingarem daqueles que o são menos, e também uma espécie de compensação por terem sido descurados pela natureza {...} No fundo do coração lhes faz bem que haja um critério segundo o qual mesmo os homens acumulados de bens e privilégios do espírito se igualem a eles – lutam pela “igualdade de todos perante Deus”, e para isso *precisam* crer em Deus (NIETZSCHE, 1992, p. 125).

Para Nietzsche, os conceitos nada mais são do que vontade de poder e projeções arbitrarias impostas ao homem⁴. Portanto, a razão é um arbítrio, mas deveríamos decretar a “morte de Deus” para eliminar o fundamento humanista da crença num ser supremo, o que seria um princípio lógico de valores no qual o homem eliminaria a subjetividade e substancialidade que está bloqueada na condição primária da conduta humana que é o agir natural⁵.

Supondo que alguém perceba a rústica singeleza desse famoso “livre arbítrio” e o risque de sua mente, eu lhe peço que leve sua “ilustração” um pouco à frente e o risque da cabeça também o contrário desse conceito – monstro: isto é, o “cativo arbítrio”, que resulta em um abuso de causa e efeito (NIETZSCHE, 1992, p. 27).

A moral nada mais é do que uma luta pelo poder e sobre o poder, e seu crescimento, ou melhor, sua formação é um definhar, esmagar e exterminar o outro⁶. O que resta, neste momento, segundo Nietzsche, é questionar se os valores morais que são utilizados no meio social ou religioso são valores que refletem algo descendente da vida ou não.

⁴ Entende-se formação de uma idéia por palavras na qual se acredita buscar a chave para a solução do problema.

⁵ É a faculdade de analisar, julgar, ponderar idéias universais, em determinada proporção como ritmo.

⁶ Compreende-se conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada//ou o que há de moralidade em qualquer coisa.

3 RESENTIMENTO E VONTADE DE PODER⁷

Os judeus – um povo “nascido para a escravidão”, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, “o povo eleito entre as nações”, como eles mesmos dizem e crêem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os seus profetas fundiram “rico”, “ateu”, “mau”, “violento” e “sensual” numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra “mundo”. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra “pobre” como sinônimo de “santo” e “amigo”) reside a importância do povo judeu: com ele começa a *rebelião escrava na moral* (NIETZSCHE, 1992, p. 95).

Percorrendo as numerosas morais que predominam sobre a terra, Nietzsche encontrou nelas certos traços que retornam regularmente e permitem, assim, distinguir dois tipos fundamentais: *a moral do senhor e a moral do escravo*⁸. A primeira figura que Nietzsche aponta nas origens da moral é a do senhor ou aristocrata primitivo. Seu caráter principal seria o de ser um criador de valores: uma energia criativa que brota de uma orgulhosa consciência de si mesmo e vem acompanhada de um sentimento de plenitude que não pode deixar de transbordar. No entanto, Nietzsche (1992), faz a seguinte ressalva.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2000, p.28-29).

Não seria privilégio cultural ou social, mas “sim” uma decorrência natural da força de origem dos aristocratas: sadios de corpo e de espírito, eles

⁷ O termo “ressentimento” aparece pela primeira vez num escrito de Nietzsche no verão de 1875 em um texto enviado por ele a Cosima Wagner e intitulado “O valor da vida de E. Dühring” (NIETZSCHE, 1988, v. VIII, p. 131- 185).

⁸ A moral do senhor “entende –se do homem forte” e a moral do escravo é compreendida como sendo a moral do fraco e limitado.

seriam inteiramente potência encarnada, que os faria crescer e se estender, abarcando, conquistando a preponderância não por quaisquer morais ou imorais, mas porque eles vivem a vida, a qual é vontade de poder.

O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior. (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

Neste sentido, a influência da religião, assim como da metafísica e da filosofia seria uma alienação que condiciona somente o homem fraco⁹. Para Nietzsche, analisar a perversão moral significa procurar sua origem tanto no indivíduo quanto na história ou, para usar a expressão nietzschiana, significa fazer sua genealogia em busca do *além do bem e do mal*. Essa genealogia compreende o estudo da origem, seja descendente da família do indivíduo ou grupo de organismo, traz à tona uma dimensão de vontade que Nietzsche denomina poder e que consiste não no poder de comandar a si mesmo ou aos outros, mas, sobretudo, no poder de criar valores.

Desta forma, os senhores, “homens” fortes, nobres e verdadeiros, se diferenciam dos escravos, fracos, mesquinhos e mentirosos, criando a partir dessa realidade, sua hierarquia de valores. A criação de valores é a obra exclusiva dos senhores, eles não determinam apenas a própria moralidade, mas também a dos escravos, a autoridade daqueles é a obediência destes. No ressentimento estaria a oposição ao sentimento de poder: enquanto a moral aristocrata se elevaria de um

⁹ É importante notar que Nietzsche não tem em vista que o além – do - homem domine os “últimos homens”; trata-se de dois tipos que deveriam existir um ao lado do outro, separados o mais possível (cf. X, 7(21)). Em que pesem os vários “modos e caminhos de superação do homem” indicados pelo filósofo, pode-se, contudo, apontar para dois significados básicos: a superação (*Überwindung*) tem um sentido *vertical* (como elevação, movimento ascendente) e um sentido *horizontal*, linear, como movimento de um lugar em direção a outro, o que inclui um ponto de partida, um espaço intermediário (ou até mesmo um abismo a ser transposto) e uma meta ou alvo. Os outros modos nomeados de superação (elevação da consciência da força, vencer resistências, entre outros) podem ser remetidos a estes dois aspectos. Nos dois sentidos de superação (*Überwindung*) contidos no além- do- homem, reaparece ainda a tensão entre as concepções *naturalista* e *idealista* do além -do- homem (ARALDI, 2004, pp. 320-321).

triunfante dizer sim a si mesmo, a moral dos escravos apóia de partida um não a algo de exterior – a moral dos senhores¹⁰.

Para justificar, essa moral se utiliza dos fracos valores imaginários opostos à vontade de poder, disso nasceram às virtudes passivas de resignação, prudência, segurança e paciência. Pois segundo Nietzsche (2006),

Os miseráveis apenas são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventura – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!. (NIETZSCHE, 2006, p, 26).

No entender de Nietzsche, o ressentimento criaria o universo interior como um universo de sofrimento e o que entre os senhores era força ativa natural e criadora, tornou-se entre os fracos escravos uma força ao mesmo tempo destrutiva e produtora de uma arte nova, *a arte de fazer mal*. A essa arte Nietzsche dá o nome de ideal ascético, um ideal substituto do ideal ingenuamente conquistado pelos senhores primitivos.

O ressentimento, para Nietzsche, é o ato ou efeito de ressentir mágoa ou sentimento mais ou menos persistente de desagrado consigo mesmo ou com alguém. Por exemplo: um homem pobre ou um escravo ao ser lesado ou tendo algo de seu retirado por um homem rico ou senhor aristocrata fica inconformado, sofre, sente-se injustiçado e passa a acreditar que o rico usou de sua desonestidade, foi infame, usou de artifícios e recursos não muito aceitáveis socialmente, mas o rico não se sente tão apegado ao valor daquele pertence tirado do pobre, porque está inserido em outro contexto e tem acesso a muitos outros bens¹¹.

Portanto, se o rico não pode sentir o que o pobre sentiu com a perda de um bem e o pobre não pode se sentir como o rico sente na posse deste bem ou de qualquer outro, então essa é uma forma injusta de julgar e uma interpretação

¹⁰ Segundo Nietzsche (2006), A redenção do gênero humano (do jugo dos senhores) está bem encaminhada: tudo se judaíza, cristianiza, plebeíza visivelmente (que importam as palavras) (p, 28).

¹¹ Segundo AZEREDO (2003), [...] a moral de senhores nasce de um sim, isto é, de uma afirmação de si enquanto expressão de seu impulso vital como determinante da avaliação, ao passo que a moral dos escravos, contrariamente, precisa conceber um não-eu, opor-se a ele para, a partir disso, obter uma afirmação de si [...] (p. 92).

errônea por parte do pobre. Este é um ato comportamental cheio de desconfiança por parte do pobre “ressentido”¹².

Fica evidente, então, que para surgir o ressentimento são necessários estímulos externos por meio do qual, o outro terá sua parcela de contribuição e cujos fatores primordiais são os pares disjuntivos sim/não, relação ato/potência, potência/impotência, ação/reação, afirmação/negação, verdade/mentira, senhor/escravo. Aos olhos de Nietzsche, o homem contemporâneo tem o fôlego curto em todos os sentidos, sintoma do esvair de suas forças vitais, o anúncio da sua agonia. Assim é o escravo doente que se encontra em decadência, no qual sua decadência se acelera rumo ao niilismo passivo e os seus ideais são sonhos impotentes e oprimidos, enquanto o “senhor” busca construir seus ideais através de ações. Nesta perspectiva, Nietzsche acreditou de tal forma na vontade humana de se produzirem valores afirmativos da vida, que, para o autor, não existe uma ordem e um sentido para esses valores, mas uma necessidade que é uma necessidade de vontade.

A vontade de potência é natural a todos os homens, mas como somos homens carentes, limitados, fracos, sem perspectiva de vida, sem uma identidade, temos a necessidade de criar máscaras para suportar a própria vida. Porque a consideramos amarga, a mesma sempre nos convida a renovar nossa conduta através de um código ético, no qual deveríamos agir instintivamente, nos ajuda a encontrar a verdadeira identidade. Esta vontade de potência o situa muito além do bem e do mal e faz o homem desprender-se de todos os produtos de uma cultura decadente. Segundo a concepção de Nietzsche,

Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixezas e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se de seu próprio veneno de maldade – eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo (NIETZSCHE, 2000, p. 117).

¹² Estas reflexões foram elaboradas a partir da obra de AZEREDO (2003).

Para Nietzsche, quando falamos em prática caridosa, piedade, amor a Deus e ao próximo são valores que fragmentam o homem, fazem do mesmo um ser decaído e constituído de valores inferiores. Segundo o autor a “virtú” renascentista é uma demonstração de homens que agirão segundo a sua genialidade, segundo seus instintos. Temos através dos renascentistas uma moral de senhores, a moral além do homem que é oposta à moral do escravo.

E quando alguém, sem amargura, de modo inofensivo, fala do homem como sendo uma barriga com duas necessidades e uma cabeça com apenas uma; sempre que alguém vê, procura, *quer* ver somente fome, desejo sexual e vaidade, como os únicos e verdadeiros móveis das ações humanas; em suma, quando se fala “mal” do homem - mas não maldosamente – o amante do conhecimento deve escutar de maneira fina e diligente, deve ser todo ouvidos, em toda parte onde se falar sem indignação. Pois o homem indignado, ou quem está sempre dilacerando e rasgando a si mesmo com os próprios dentes, pode ser moralmente superior ao sátiro sorridente e satisfeito, mas em qualquer outro sentido ele é o caso mais comum, mais irrelevante, menos instrutivo. E ninguém mente *tanto* como o indignado (NIETZSCHE, 1992, p. 34).

Para o autor o homem forte, que age segundo seus instintos e com uma genialidade criadora, ou seja, que age naturalmente por si só faz brotar uma vontade de potência da qual ele terá sempre uma realização plena no ato em si. Nietzsche olha sem temor aquilo que se esconde por trás dos valores universalmente aceitos, olha por trás das grandes e pequenas verdades melhor assentadas e por trás dos ideais que serviam de base para a civilização e nortearam o rumo dos acontecimentos históricos. Com efeito, Nietzsche procurou desmascarar e rasgar as mais idolatradas máscaras que se tornam inevitáveis pela própria vida, que é sempre explosão de forças desordenadas e violentas e, por isso, é sempre incerteza e perigo.

E logo vocês, cavaleiros da tristíssima figura, caros ociosos e tecedores de teia do espírito! Afinal, sabem muito bem que não pode ter importância o fato de vocês terem razão, sabem que nenhum filósofo até hoje teve razão, e que poderia haver uma veracidade mais louvável no pequeno ponto de interrogação que colocarem depois de suas palavras de ordem e doutrinas favoritas (e ocasionalmente de si mesmos) do que em todos os solenes gestos e triunfos diante de promotores e tribunais! Melhor se afastarem!...E usem máscaras e sutileza, para serem confundidos com outros! Ou para atemorizar um pouco!... – escolham *boa* solidão, a solidão livre,

animosa e leve, que também lhes dá direito a continuar bons em algum sentido! (NIETZSCHE, 1992, p. 32).

A vida pode ser, conservada e mantida através de implicações incessantes entre os seres vivos, através da luta entre vencidos que gostariam de sair vencedores e vencedores que podem, a qualquer instante, serem vencidos e, por vezes, já se consideram como tais. Neste sentido é vontade de poder ou de domínio.

Para Nietzsche o homem deveria desabrochar, tentando esvair-se de toda a corrupção que o cerca e, a partir daí, acolher a vida de forma natural como ela realmente é. Encontraremos afirmações neste sentido na obra “Além do Bem e do Mal” cujas reflexões são necessárias para suportar a vida, mas essas máscaras também deformam o homem.

Aquele que, no trato com os homens, eventualmente não percorre as muitas cores da aflição, que não enrubesce e empalidece de nojo, fastio, compaixão, tristeza, isolamento, não é certamente um homem de gosto elevado; mas se ele não assume voluntariamente todo esse fardo e desgosto, sempre se esquivava dele e permanece, como foi dito, quieto e orgulhoso em seu castelo, uma coisa é certa: ele não foi feito, não está predestinado para o conhecimento (NIETZSCHE, 1992, p.33).

Portanto, Nietzsche aposta que a negação é geradora de ressentimento e o ser humano, ao negar sua realidade, o que levaria a se desviar da sua condição natural e da qual criaria valores “na perspectiva de interiorização”¹³. Não há segundo Nietzsche, uma distinção entre instinto e razão. Isto, porém, leva ao questionamento sobre a validade dessa afirmação. A resposta, segundo Nietzsche, seria que os instintos e seus impulsos estão penetrados na raiz do pensamento consciente. Desta forma, conclui-se que a vontade de poder é uma vontade forte que é guiada pelos instintos.

Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom

¹³ Conforme Azeredo (2003) existe uma diferença entre os dois tipos de ressentimento, o escravo seria algo negativo impossibilitando a afirmação e o ultimo, o senhor, aparece, como afirmativa, ignorando a negação.

grado – a saber, que um pensamento vem quando “ele” quer e não quando “eu” quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito “eu” é a condição do predicado “penso” (NIETZSCHE, 1992, p. 23).

Não existe via média, como é apresentada pelo sacerdote, na qual ele sempre buscou alterar certas perspectivas, revalorando os valores vigentes, o que está em discussão para Nietzsche é a distinção entre aceitação da vida e sua renúncia, não existindo outra via como apresentam os sacerdotes¹⁴. A estratégia do sacerdote corresponde, segundo Nietzsche, à

[...] tentativa de alcançar para o homem algo aproximado ao que é a *hibernação (Winterschlaf)* para algumas espécies animais, e a *estivação (Sommerschlaft)* para muitas plantas de clima quente, um mínimo de consumo de matéria e de metabolismo, no qual a vida ainda existe, sem, no entanto, penetrar na consciência. (NIETZSCHE, 1988 [GM III 17], v. V, p. 379.)

Esta aceitação da vida é uma forma de arrancar-lhe as máscaras e reconhecê-la como é, não para sofrê-la ou aceitá-la, mas para restituir-lhe o seu ritmo exultante, o seu júbilo.

Julgar e condenar moralmente é a forma favorita de os espiritualmente limitados se vingarem daqueles que os são menos, e também uma espécie de compensação por terem sido descurados pela natureza; e por fim, uma oportunidade de adquirirem espírito e se tornarem sutis - a malícia espiritualiza (NIETZSCHE, 1992, p. 125).

A razão é um mecanismo que deixa claro o domínio dos mais fracos, os quais sempre se sentem rejeitados, ignorados, fracassados e ressentidos, por isso, busca a igualdade de todos perante Deus, uma vez que os mais fracos buscam, moralmente e até com o uso de fórmulas metafísicas, julgarem os homens superiores. Conforme argumenta Kehl (2004),

¹⁴ O homem “livre de culpa é *aquele* que se ultrapassa ao criar, no qual reside “a vontade orientada para a geração” (PENZO et al, p. 52). Segundo Marco Brusotti, o sacerdote, que muda a direção do ressentimento, aparece nesse contexto não como o asceta num estado hipnótico [o que corresponderia àquele homem do ressentimento inapto para a ação], porém, como o “encantador” e hipnotizador. (2001, p. 123).

O ressentimento é uma doença que se origina do retorno dos desejos vingativos sobre o eu. É a fermentação da crueldade adiada, transmutada em valores positivos, que envenena e intoxica a alma, que fica eternamente condenada ao não esquecimento (2004, p. 93-94).

Nietzsche propõe, então, devolver ao homem a sua natureza instintiva sem confrontar instintos com razão¹⁵. Mas, é possível perguntar o que seria a verdade absoluta e/ou o que seria uma certeza. Pois para Nietzsche não existe uma verdade ou uma certeza absoluta.

Contra essa vontade de aparência, de simplificação, de máscara, de manto, enfim, de superfície - pois toda superfície é um manto -, atua aquele sublime pendor do homem de conhecimento, ao tomar e *querer* tomar as coisas de modo profundo, plural, radical: como uma espécie de crueldade da consciência e do gosto intelectuais... (NIETZSCHE, 1992, p. 137-138).

Porém como fica evidente nesta passagem, o homem fraco utiliza máscara como uma espécie de arma para aliviar a consciência e para também justificar sua conduta. Devemos observar que não se trata de um dualismo no qual há a interpretação do juízo pelo certo e errado, bem e mal, bom e ruim. Segundo Nietzsche este juízo deve ser um juízo de valor que promova e estabeleça um bem estar na vida. (NIETZSCHE, 1992, p. 11-15). Portanto, a justiça não é um conceito fechado, absoluto, no qual o que vale para um vale para todos. Para Nietzsche, as leis naturais, surgem das nossas interpretações¹⁶.

Nesta perspectiva, aos olhos de Nietzsche, a perversão religiosa surge da necessidade do homem para sentir-se livre da sua consciência natural, instintiva. A religião é uma das causadoras de toda decadência humana sendo ela ainda mais radical que a perversão moral. Assim, seria na religião que a moral

¹⁵ Nietzsche (2000), considera que, Todos os instintos que não se descarregam pra fora, voltam-se para dentro – isto é o que eu chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora (p. 73).

¹⁶ Segundo Nietzsche, [...] todo naturalismo na moral, isto é, toda *sã* moral, está dominada pelo instinto de vida. A moral *antinatural*, isto é, toda moral ensinada, venerada e pregada até o presente, se dirige, ao contrário, precisamente *contra* os instintos vitais - ela é uma *condenação* (NIETZSCHE, 2006, p. 40).

descobriria sua essência: a relação do homem com o homem sob o modo pervertido do não-homem imaginário, isto é, Deus. Nietzsche procurou uma lógica psicológica para explicar a origem da religião, pois, para ele, o homem, duvida da própria personalidade. Este homem não ousa olhar para si mesmo como a origem dessa emoção assustadora e passa a atribuí-la a outra pessoa mais forte que ele, neste caso o homem em lugar de Deus.

Isto acontece na medida em que o homem concebe como sobre-humano e, portanto, como alheio a si, tudo o que é forte e grande e se reparte em duas esferas: uma deplorável, fraca, decadente, egoísta e que não tem sentido em existir e outra forte e assustadora. À primeira esfera ele chamou homem; à segunda, Deus.

Segundo a visão nietzschiana, a religião nasceu de uma alteração de personalidade, de uma projeção/alienação do poder do homem num outro imaginário, logo, a palavra Deus refere-se a essa alteração absoluta e, sendo alienação de si, a religião seria também enfraquecimento de si. Portanto, o conceito de Deus representaria o terror que o homem tem de si mesmo e a repugnância do homem fraco pela vida. A vida acaba onde o 'reino de Deus' começa. Todos os preceitos morais estariam conexos com a idéia de Deus, combatendo o instinto de vida e paralisando o desejo que o homem tem de criar, crescer e dominar.

Na visão do pensador, a crença em Deus estaria refreando toda a atividade energética e impedindo o advento do super-homem. O fator primordial que diferencia o escravo, passivo e ressentido, do senhor ativo é a vontade de potência que para o senhor é algo afirmativo, que não considera a negação. Conforme explicitado, no capítulo anterior existem duas vontades de potência: a afirmativa do senhor e a negativa do escravo, cabe então questionar se o eu contemporâneo está inserido na moral passiva do escravo ou na moral afirmativa do senhorio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se, que apesar da apresentação do necessário para dar início à reflexão sobre a dignidade humana e a forma que o homem é tratado pela

sociedade, pela religião, pelo Estado, enfim, por tantas outras vertentes, para a temática abordada restam ainda múltiplas considerações para que possam ser suficientemente desenvolvidas, uma vez que, segundo a visão nietzschiana, nunca respeitaram a forma natural do agir humano, nunca acreditaram na capacidade de criar valores próprios, na genialidade do homem e sempre estiveram dispostas a corrompê-lo.

Falar de dignidade humana em chave filosófica comporta, necessariamente, um fundamento antropológico, no qual o ser humano é compreendido desde sua relação com outro. Supõe-se, portanto, um conceito de pessoa que se unifica e se integra unicamente ao outro, tendo como referência o divino, origem e fim da sua existência. A realidade humana é profundamente relacional e transcendente, isto por si só já fala da grandiosidade da sua realidade, mas ainda se supera quando Deus chama à missão de ser na terra quem administre e cuide da criação, pois é aqui sua sublime dignidade que Nietzsche não conseguiu entender.

Portanto, acredito que na obra *Além do Bem e do Mal* há muita intenção poética e pouca intenção filosófica, pois para muitos comentadores, Nietzsche estava com os olhos empoeirados e, no decorrer do seu trabalho, perdeu o foco inicial de análise profunda da crise e da decadência humana, da transmutação dos valores, do ressentimento e, portanto, não soube dar uma solução plausível ao homem quando buscou e justificou o super-homem com o niilismo. Se o homem é um ser relacional necessita do outro para tudo. Se fosse o contrário, seria um ser jogado no mundo e esse não foi o projeto de Deus e nem da religião cristã. Nietzsche apresentou um homem extremamente individualista, incapaz de se relacionar e de amar o seu próximo e a sua própria vida. Tal fato é uma contradição, pois ele mesmo buscou relacionar e amar o seu próximo individualista, que buscou incessantemente se relacionar com os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARALDI, C. L. **Niilismo, Criação, Aniquilação**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso/Unijúí, 2004.

AZEREDO, V. D. de. **Nietzsche e a dissolução da Moral**. 2º ed. São Paulo: Discurso/Unijúi, 2003.

BÚSSOLA, C. **Filosofia para o curso Básico Universitário**. Espírito Santo: Ceciliano Abel de Almeida, 1992.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Escala (Edição de Bolso), sem referência ao ano.

_____. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe** in 15 Einzelbänden. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin; Questão desenvolvida em “Artes de hipnose e entorpecimento na terceira dissertação de Para a genealogia da moral” (Cf.: PASCHOAL, 2008, p. 79-86). ew York: Walter de Gruyter, 1988.

_____. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992

_____. **A Gaia Ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Genealogia da Moral – Uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo: 2006.

PEARSON, K. A. **Nietzsche como pensador Político**: uma Introdução a Nietzsche. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.

PENZO, G. et al. **Nietzsche e o Cristianismo**. São Paulo: Vozes, 1981.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.